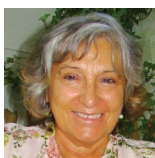




IGUALDADE DE GÉNERO E VIOLÊNCIA EM GERAL



Por Isabel Gonçalves

M.CSH.

Ass. Social Autónoma, Life Coach, Formadora e Terapeuta Integrativa

www.harmonizando.com | T. 964 480 280

Ver anúncio na pág. 53

A expressão simplificada “igualdade de género” é por si só inexata e como tal tende a ser menosprezada ou mesmo ignorada pelos menos sensíveis a esta questão. A igualdade não existe em nenhuma forma de vida, mesmo entre gémeos. O que o que se quer exortar com a expressão é a universalidade de oportunidades, direitos e deveres – que a todos deve ser garantida, seja entre géneros, etnias, idades, etc.

Tratando-se de uma questão de equidade, não se deveria antes optar simplesmente pela expressão “igualdade de oportunidades e direitos de género”? Tudo o que vemos e ouvimos nos influencia muito e tendemos sempre a rejeitar o que nos desagrada ou subentendemos como inverdadeiro. As simplificações, mesmo que codificadas (como é aqui o caso) são geralmente perigosas pela distorção de perceção que acabam por trazer.

De qualquer forma, e para além desta questão semântica, no dia 8 de março celebra-se o Dia Internacional da Mulher, consagrado pela ONU em 1977 para comemorar o importante papel que aquela desenvolve em todas as esferas da sociedade e cujos direitos importam ser reconhecidos. Não obstante os primeiros movimentos exortando o direito das mulheres à igualdade remontarem a 1909, é generalizado o agravamento dos indicadores de violência – seja ela doméstica (no contexto familiar), no trabalho (situações de assédio) ou em geral.

O que falha ainda nas nossas sociedades depois de mais de um século de vários movimentos, estratégias, orientações políticas, etc.?

Relatos da APAV e de outras instituições que defendem os interesses e oportunidades dos designados mais desprotegidos, assim como os de entidades policiais, referem que muitos dos casos de violência identificados representam apenas uma ínfima parte dos casos que se sabem existir...

Ao longo de quase duas décadas de atendimento individual de casos entre o meu público feminino, constato que a quase totalidade evidencia situações em que a mulher – mesmo a que tem um índice de escolaridade ao nível universitário – tem um papel submisso nas relações com o seu “agressor”... pois tudo se faz a bem dos filhos, de condições financeiras para ser capaz de pagar faturas ou aparentar ter uma condição de (algum) êxito social – ditado este pelo local onde se vive, pelos bens que se ostenta ou simplesmente pela importância vã em estar acompanhado ... um pesado estigma cultural ainda muito presente.

Acresce a violência que eclode e escala em contexto privado e que decorre com frequência apenas de divergência de perspetivas e comportamentos sobre questões pessoais e de vida comunitária. Não fomos preparados (educados) para conhecer e saber transmitir de forma positiva os nossos limites relativamente a valores ou sensibilidades pessoais. Comunicamos mal pois fazemo-lo em confronto e conflito exortando “igualdade de direitos”. E a violência física, verbal ou apenas psíquica no casal transpõe-se para outros elementos do agregado familiar que a transportam para a escola e mais tarde para os seus círculos de interação social entre os quais a sua própria família... e assim se perpetua este ciclo.

Seja qual for a área do problema ou o prisma considerado, é uma questão exclusivamente cultural. E as mudanças sustentáveis de paradigma devem ocorrer de forma serena e natural com base numa aprendizagem que deve ser transversal a todos os leques etários e de género. Campanhas educativas de sensibilização cultural devem ser implementadas com urgência nas várias esferas da vida social para que cada um aprenda a importância de se respeitar e valorizar a si mesmo e de todos os outros na sua diversidade; a comunicar em dignidade e não em medo, oposição, imposição ou conflito; a desenvolver uma consciência sistémica, de responsabilidade e cooperação.

O paradigma competitivo, que contraria a ordem natural das coisas, precisa de ser abandonado. Assenta no medo e na comparação ou mimetismo inconsciente e gera grandes clivagens e um maior fosso entre os Homens – entre famílias, entre nações, entre grupos sociais. Pior ainda – gera desconexão dentro do próprio Homem – entre o que ele é e o que sente que precisa de parecer para ter ou alcançar. Ora nada se conquista – sustentavelmente e em paz – numa base em conflito, em desunião, em supremacia.

Igualdade de oportunidades, direitos e deveres é sim o resultado, a consequência natural de uma consciência desperta, inclusiva, responsável e verdadeiramente edificadora.